

**NO TEMPO DOS SONHOS:  
A PRESENÇA DA INTERTEXTUALIDADE  
NA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA FICCIONAL**

**Margarete Jesusa Hülsendeger<sup>1</sup>**

**RESUMO:** No livro *Sonhos de Einstein* (2014), o físico, escritor e ensaísta Alan Lightman, escreve um conjunto de pequenos contos apresentando trinta diferentes mundos, nos quais o tempo é o personagem principal. Os mundos criados por Alan Lightman não estão identificados por nomes, mas por datas, abrangendo um período de dois meses – de 14 de abril até 28 de junho – de um mesmo ano, 1905. Esse recorte temporal só tem sentido para quem conhece o protagonista do que Lightman chamou “Interlúdios” – breves textos intercalados entre os contos –, o físico alemão Albert Einstein. Portanto, neste artigo foram analisados alguns desses mundos, procurando na apresentação dos contos estabelecer relações não só com outras obras artísticas, mas também com ideias oriundas da ciência e da filosofia, demonstrando que todos os textos estão ligados de alguma forma.

**PALAVRAS-CHAVE:** *intertextualidade; tempo; contos.*

**ABSTRACT:** In the book *Einstein's Dreams* (2014), the physicist writer and essayist Alan Lightman, writes a series of short stories, presenting thirty different worlds, where, in which one, the time is the main character. The worlds created by Alan Lightman are not identified by name, but by dates, that extends over a period of two months – April 14 to June 28- in 1905. This time interval only makes sense for those who know the leading character of the tale “Interludes” – brief texts – the German physicist Albert Einstein. Therefore, in this article were analyzed some of these worlds, searching to make connections not only with others artistic works, but also with ideas from science and philosophy, to demonstrate that all texts are interconnected in some way.

**KEYWORDS:** *intertextuality; time; short story.*

Recebido em 08-04-2017

Aceito em 25-05-2017

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria da Literatura e em Educação em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS); doutoranda em Teoria da Literatura pela mesma universidade (PUCRS/CAPES).

## INTRODUÇÃO

O que o conto *O Curioso Caso de Benjamin Button*, de Francis Scott Fitzgerald, a pintura *A persistência da memória*, de Salvador Dali, a sinfonia número 101, de Joseph Haydn e o poema *Ah! Os relógios*, de Mario Quintana têm em comum? Em todas essas obras o tempo, com suas diferentes possibilidades, aparece como personagem central. Em cada uma deles o autor tenta expressar sua concepção de tempo na tentativa superar o senso comum, vendo na dimensão temporal uma entidade viva e autônoma. Desse modo, apesar da discussão sobre a natureza do tempo pertencer, geralmente, ao campo da filosofia, muitas vezes outras áreas do conhecimento se apropriam desse conceito para fundamentar argumentos e extrair novos significados.

Aproveitando-se dessa antiga “obsessão” pela natureza do tempo, o físico, romancista e ensaísta Alan Lightman escreveu um conjunto de pequenos contos apresentando trinta diferentes mundos, nos quais o tempo é percebido das mais diversas formas. O livro intitulado *Sonhos de Einstein* (2014) não é um livro sobre ciência, mas de ficção que utiliza a ciência, a filosofia e a fantasia para criar universos que se assemelhariam, em muitos aspectos, ao mítico País das Maravilhas, de Lewis Carroll (1832-1898). Assim, os títulos dos contos não são nomes ou frases, mas datas, abrangendo um período de dois meses – de 14 de abril até 28 de junho – de um mesmo ano, 1905. Esse recorte temporal só tem sentido para quem conhece o protagonista do que Lightman chamou “Interlúdios” – breves textos intercalados entre os contos –, o físico e autor de uma das teorias mais revolucionárias da ciência, Albert Einstein (1879-1955).

1905 é considerado o *annus mirabilis* da sua vida científica, ano no qual publicou cinco artigos que alterariam para sempre conceitos chaves –

massa, tempo, espaço, energia – da física. Assim, Lightman situou seus contos três meses antes da publicação do artigo no qual o físico alemão apresenta uma nova e ousada teoria sobre o tempo. Um artigo que, segundo a ficção criada por Lightman, teria sido povoado por sonhos, visões delirantes e pelo desejo de Einstein de se aproximar do Velho, nome carinhoso que ele dava a Deus.

No entanto, como já foi dito antes, *Sonhos de Einstein* não é um livro sobre ciência, mas uma ficção repleta de imagens fantásticas, em alguns momentos bizarras, em outros extremamente belas. Quando o leitor ingressa nos mundos imaginados por Lightman, mergulha na “toca do coelho”, sem saber, como ocorre com Alice, o que vai encontrar em seu caminho. Para conseguir esse efeito o autor estabelece um diálogo, não só entre textos e obras artísticas, mas também entre ideias de diferentes campos do saber. Um verdadeiro diálogo de linguagens capaz de trazer para narrativa diferentes pontos de vistas sobre o mundo (BAKHTIN, 1990). Para manter esse diálogo, Lightman, apesar de físico, não se preocupa com o rompimento de leis da física, seu objetivo é inventar mundos onde seja possível vislumbrar vidas que poderiam existir se a noção de tempo fosse diferente daquela com a qual estamos acostumados.

Neste trabalho percorreremos alguns desses mundos, procurando na apresentação dos contos estabelecer relações não só com outras obras artísticas, mas também com ideias oriundas da ciência e da filosofia, demonstrando a presença de um texto que estabelece uma “verdadeira rede de sentidos, que se espraia para além de cada texto, recobrando todo o conjunto de enunciados poéticos (a literatura, segundo a terminologia tradicional), em permanente produção de sentidos novos” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 68).

## **PRIMEIRO MUNDO – 14 DE ABRIL DE 1905**

No primeiro mundo, o tempo é um círculo fechado sobre si mesmo, onde “na maior parte dos casos, as pessoas não sabem que voltarão a viver suas vidas” (LIGHTMAN, 2014, p. 8). Para descrever esse mundo Lightman se vale de imagens simples que podem ocorrer em qualquer lugar, mas que nos contos transcorrem sempre na mesma cidade, Berna<sup>2</sup>, na Suíça. Assim, ele descreve a cena de um homem moribundo que vê sua esposa dar-lhe seu último beijo, sem saber que o tempo começará de novo e que os dois terão de trilhar o mesmo caminho até chegar “neste hospital, neste quarto, nesta cama, neste momento” (LIGHTMAN, 2014, p. 9). Um mundo de infelicidade para aqueles capazes de perceber que tudo já ocorreu no passado, mas vendo-se forçados a reviver seus erros infinitas vezes, sem conseguir alterar nada.

Nesse primeiro mundo prevalece o tempo cósmico. O tempo de Homero e de sua *Odisseia*, o tempo dos heróis míticos vivendo aventuras (e desventuras), na maioria das vezes, impostas pela vaidade de deuses poderosos, um tempo que por sua própria natureza é reversível, não fluindo, nem se esgotando. Nele qualquer espécie de mudança é uma ilusão e o ente verdadeiro é eterno e imutável e, portanto, o “tempo do *ser*, o tempo de um mundo imóvel, sem existência real, ou pelo menos desprovido de significado” (BEN-DOV, 1996, p. 78, *grifo do autor*) e onde, na ausência de mudança, não existiria diferença entre passado, presente e futuro.

Por essa razão a profunda tristeza daqueles poucos que percebem estar presos a essa armadilha temporal, pois “são essas pessoas duplamente infelizes que dão o único sinal de que o tempo é um círculo. Pois em cada

---

<sup>2</sup> Foi em Berna, enquanto trabalhava no Departamento de Patentes, onde Einstein desenvolveu e escreveu os artigos que deram origem a Teoria da Relatividade.

cidade, tarde da noite, seus lamentos ecoam nas ruas e nas sacadas vazias” (LIGHTMAN, 2014, p. 10). Nesse mundo o homem está paralisado e sua existência está determinada por uma ordem cósmica. É o tempo fora da história, onde o mito do eterno retorno ainda sobrevive.

## **SEXTO MUNDO – 28 DE ABRIL DE 1905**

Nesse mundo o “tempo é visível em todos os lugares” (LIGHTMAN, 2014, p. 22) e ele avança exuberante com “a mesma velocidade em todos os cantos do espaço. O tempo é um soberano infinito. O tempo é absoluto” (LIGHTMAN, 2014, p. 22). Como descrever um mundo assim? Simples, basta olhar à nossa volta. Geralmente, quando se pensa sobre o tempo, pensa-se nesses termos, ou seja, que ele passa com regularidade e inevitabilidade, pois mesmo que as atitudes das pessoas possam ser imprevisíveis, o tempo não o é. Nesse conto, Lightman apresenta o “tempo newtoniano”.

Isaac Newton (1643-1727) acreditava que o tempo existia independentemente dos eventos que nele ocorrem, um tempo que permite “andar” para trás, invertendo a ordem temporal, assim como para frente, não existindo nenhuma distinção entre passado, presente e futuro. Nesse mundo pode-se, inclusive, pensar o tempo como uma evidência de Deus – Newton via Deus como um relojeiro, “dando corda” ao universo sempre que necessário –, pois, “com certeza, nada que é perfeito poderia ser criado sem um Criador. Nada poderia ser universal sem ser divino. Todos os absolutos são parte do Um Absoluto” (LIGHTMAN, 2014, p. 22-23). As certezas acompanham esse tempo e tudo pode ser catalogado como certo e errado, sem margem para dúvidas ou incertezas. Desse modo, em um mundo assim tudo está perfeitamente registrado, cada palavra, cada gesto e até mesmo

cada pensamento, pois “embora se possa duvidar das pessoas, não se pode duvidar do tempo” (LIGHTMAN, 2014, p. 24).

## **DÉCIMO TERCEIRO MUNDO – 15 DE MAIO DE 1905**

Para Bakhtin, todas as palavras são povoadas de intenções, logo, a linguagem não é um meio neutro, é preciso dominá-la, submetê-la às próprias intenções (BAKHTIN, 1990). Assim, na linguagem literária a diversidade intencional torna-se plurilíngue, ou seja, um diálogo entre diferentes linguagens. Nesse plurilinguismo, próprio do discurso artístico, encontraremos espaço para uma intertextualidade onde “o texto aparece então como lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores” (SAMOYAULT, 2008, p. 18). Textos que não precisam ser feitos apenas de palavras, mas também de cores, que por sua vez, podem ser vistas na forma de imagens.

No décimo terceiro mundo de Lightman não existe o tempo, apenas imagens. A narrativa desse conto é composta apenas pela descrição de imagens aleatórias, descrevendo um mundo que se assemelha muito às pinturas de Salvador Dalí (1904-1989). Em uma de suas obras mais importantes, *A persistência da memória* (1931), é feita uma provocação ou um desafio ao nosso entendimento racional do mundo físico.

Na pintura, relógios derretidos convivem com formigas rastejantes e uma criatura bizarra – que vem a ser o próprio pintor – está caída no chão. O quadro mostra o interesse do artista pelo tempo, entendendo-o como um “objeto” que não poderia ser moldado. Essa curiosidade levou Dalí a buscar na teoria da relatividade de Einstein e nas pesquisas sobre o inconsciente de Freud dados para traduzir, de forma mais concreta, suas percepções sobre o

tempo. As imagens que Lightman escolhe para compor seu conto segue um caminho semelhante, ou seja, ele tenta expressar, dessa vez em palavras, um mundo no qual a imagem se sobrepõe ao tempo:

Rosas aparadas flutuando sob uma ponte, próximas a um castelo que vai emergindo. O cabelo ruivo de uma amante, selvagem, traiçoeiro, promissor. As pétalas púrpuras de uma íris na mão de uma jovem mulher. Um quarto com quatro paredes, duas janelas, duas camas, uma mesa, um lustre, duas pessoas de rostos vermelhos, lágrimas. O primeiro beijo. Planetas no espaço, oceanos, silêncio. Uma gota d'água na janela. Uma corda enrolada. Uma vassoura amarela (LIGHTMAN, 2014, p. 46).

Tentar descobrir relações nessas cenas significaria perder a possibilidade de interpretá-las apenas pelo o que elas são. Assim, em um mundo feito de imagens, sem a premência do tempo, o “branco na água quando quebra uma onda, erguida pelo vento” (LIGHTMAN, 2014, p. 45) pode ser uma cena tão enigmática quanto os relógios derretidos de Salvador Dalí. Entretanto, a ambiguidade das imagens apenas faz com que esse mundo seja mais rico de interpretações e o tempo nada mais do “que o mole, extravagante, solitário, paranoico-crítico queijo Camembert do espaço e tempo”<sup>3</sup>.

## **DÉCIMO QUARTO MUNDO – 20 DE MAIO DE 1905**

Em *A invenção da Solidão*, Paul Auster divide seu livro em duas partes: na primeira, intitulada *Retrato de um homem invisível*, ele recupera as lembranças de seu pai falecido; na segunda, *O livro da memória*, ele faz uma reflexão sobre sua própria paternidade e a solidão do escritor. Nos dois casos, Auster vê-se diante da necessidade de lembrar, um “exercício de

---

<sup>3</sup> Frase de Salvador Dalí “explicando” o sentido de sua pintura. Disponível em: <http://edcapistrano.blogspot.com.br/2010/06/persistencia-da-memoria-de-dali.html>. Acesso em: 30 maio 2016.

memória” que ele realiza por meio da escrita. Misturando histórias da Bíblia (Jonas e a baleia), contos infantis (Pinóquio) e citações de diferentes autores (Pascal, Cícero) ele descreve a memória como um edifício, com uma série de colunas, molduras e pórticos, por onde a mente se move, caminhando de um lugar para o outro, com o som dos passos acompanhando esse “passeio” (AUSTER, 1999). Mais adiante, ele escreve que a memória é o espaço onde uma coisa ocorre pela segunda vez (AUSTER, 1999) e, portanto, um lugar que podemos visitar sempre que quisermos.

O décimo quarto mundo de Lightman vai na contramão da ideia de Auster. Nesse mundo não haveria espaço para a memória, obrigando seus habitantes a caminhar “com cadernos para registrarem o que aprenderam antes que lhes escape da mente” (LIGHTMAN, 2014, p. 47). Nesse conto, os amantes se deixam dominar pela paixão porque ao se encontrarem no quarto não reconhecem as fotos da família. A ausência da memória transforma cada noite e cada manhã na primeira e os beijos e toques seriam sempre novos, livres de lembranças que podem entorpecer a paixão. Nesse mundo, diz Lightman, todos precisam escrever seu “Livro da Vida”, mas a consulta pode ser feita conforme o desejo de cada um – começando pelas anotações mais antigas ou pelas mais novas – há, inclusive, a possibilidade de abandonar o livro e assim esquecer o passado.

Dois pontos de vista diferentes (Auster e Lightman) sobre a preservação da memória. Dois momentos nos quais a literatura se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi, movimentando a memória e, assim, inscrevendo-a nos textos por meio de lembranças e de re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto (SAMOYAULT, 2008). Lightman vê naqueles que escolhem não mais ler o “Livro da Vida” a coragem de olhar direto nos olhos e segurar com firmeza a mão que lhe é estendida. Para ele, essas pessoas “mantém as ágeis passadas largas de sua juventude”



(LIGHTMAN, 2014, p. 49), pois “aprenderam a viver em um mundo sem memória” (LIGHTMAN, 2014, p 49). Auster, ao contrário, ao final de seu *Livro da memória*, procura uma nova folha de papel e colocando-a diante de si, escreve: “Foi. Nunca voltará a ser. Recorda” (AUSTER, 1999, p. 199).

## **DÉCIMO SÉTIMO MUNDO – 02 DE JUNHO DE 1905**

E se um pêsego marrom, murcho, fosse retirado da lata de lixo e após ser colocado sobre uma mesa começasse a ficar rosado? Essa é a imagem com a qual Lightman inicia esse conto: um mundo onde o tempo flui para trás (LIGHTMAN, 2014, p. 59). Após construir a cena do pêsego, ele descreve a vida de uma mulher velha definhando sentada em uma cadeira que com a passagem do tempo vai rejuvenescendo até tornar-se uma jovem estudante que se apaixona e casa, depois transforma-se em uma menina que passa horas brincando no bosque, para no final surgir como um bebê mamando no peito da mãe.

Não é difícil perceber as semelhanças entre essas imagens e as retratadas por Francis Scott Fitzgerald (1896-1940), no conto *O Curioso Caso de Benjamin Button* (1922)<sup>4</sup>. Nesse conto o escritor norte-americano cria uma vida “ao contrário”, uma vida que desafia a ordem natural das coisas. Na história de Fitzgerald uma criança nasce já sendo um idoso e o seu crescimento significa um “desenvelhecimento”, assim como acontece com a mulher velha no 17º mundo. O final, no entanto, é mais impactante, pois nele o protagonista mergulha em um mundo onde tudo escurece e o “seu berço branco, e os rostos obscuros que pairavam sobre ele, e o aroma morno

---

<sup>4</sup> O conto deu origem a um filme de mesmo nome dirigido por David Fincher e escrito por Eric Roth, tendo como atores principais Brad Pitt e Cate Blanchett. O filme foi lançado em 25 de dezembro de 2008 nos EUA, pela Paramount Pictures e internacionalmente pela Warner Bros. O filme recebeu 13 nomeações ao Oscar, incluindo "Melhor Filme", "Melhor Diretor" (David Fincher) e "Melhor Ator" (Brad Pitt).

e doce do leite desvaneceram-se por completo em sua mente” (FITZGERALD, 2013, p. 72). Benjamin retorna a um mundo sem memória, um mundo antes do seu nascimento.

Bakhtin defendia que o homem no romance é essencialmente o homem que fala, logo seu discurso é representado, não só artisticamente, mas pelo próprio discurso (BAKHTIN, 1990). Talvez, por essa razão, Lightman prefira não enfrentar o mundo desconhecido criado por Fitzgerald e opte por alterar o ponto de vista de sua história introduzindo um novo personagem em cena. No final de seu conto, aparece um homem de meia-idade que está deixando o palco de um auditório onde recebeu um prêmio. O sentimento não é de alegria ou realização, mas de profunda melancolia. Ao contrário do que acontece com a velha, esse personagem sabe que o tempo está correndo para trás, mas para ele o significado é diferente. Nesse tempo, uma mescla de passado e futuro, ele confessa a um amigo morto seus muitos medos: da velhice, de não ser amado, de morrer e da solidão. Esse homem melancólico e triste, apesar de suas realizações, anseia voltar no tempo, mas não para nascer de novo, para simplesmente voltar a viver. Lightman não diz, mas esse homem é Albert Einstein.

## **VIGÉSIMO PRIMEIRO MUNDO – 10 DE JUNHO DE 1905**

E se houvesse um mundo onde os relógios e calendários não existissem? Um mundo onde o “tempo não seja uma quantidade, mas uma qualidade, como a luminescência da noite sobre as árvores no preciso momento em que a lua nascente toca o topo das copas” (LIGHTMAN, 2014, p. 71). Nesse mundo os eventos seriam desencadeados por outros eventos: uma casa só seria erguida quando pedras e madeiras chegassem ao local da construção, e a pedreira só entregaria as pedras quando o proprietário

precisasse do dinheiro (LIGHTMAN, 2014, p. 72). Um mundo sem relógios seria um mundo de poesia onde os acontecimentos “deslizam pelo espaço da imaginação materializados por um olhar, um desejo” (LIGHTMAN, 2014, p. 73). Nesse mundo as palavras de Mario Quintana fariam todo o sentido:

Porque o tempo é uma invenção da morte:  
não o conhece a vida – a verdadeira –  
em que basta um momento de poesia  
para nos dar a eternidade inteira (QUINTANA, 2015, p. 148).

Em um mundo sem relógios, o período que separa dois eventos seria marcado por sentimentos de alegria ou medo quando se contemplasse a cor do céu. E todos que tentassem quantificar o tempo poderiam ser transformados em pedras e seus corpos ficariam presos – “parados, congelados nas esquinas, frios, duros e pesados” (LIGHTMAN, 2014, p. 73) – no momento em que tentaram medi-lo. O conto de Lightman transforma as palavras de Mario Quintana em uma realidade fantástica, mas nem por isso menos possível, pois se um momento de poesia é o suficiente para uma “eternidade inteira” é porque “essa vida eterna somente por si mesma é dividida: não cabe, a cada qual, uma porção” (QUINTANA, 2015, p. 148).

O tempo na visão de Lightman e de Quintana assume um papel que transcende o calendário, que está além das horas, dos minutos e segundos marcados pelo relógio, faz parte desse mundo complexo e onírico que só a poesia é capaz de desvendar. Um mundo no qual a consciência literária realiza-se inteiramente na língua do poeta e onde a ideia de pluralidade de mundos linguísticos é organicamente inacessível (BAKHTIN, 1990).

## VIGÉSIMO QUARTO MUNDO – 17 DE JUNHO DE 1905

Mesmo que *Sonhos de Einstein* não seja um livro de ciência, o físico dentro do escritor Alan Lightman não poderia deixar de representar ficcionalmente um universo que não segue as leis de Newton. A história está inspirada em conceitos que procuram explicar o que acontece no universo atômico. Uma dessas explicações está relacionada com a maneira como a luz se movimenta através de um meio. Até o início do século XX pensava-se que as ondas luminosas se propagavam de forma contínua até perceber-se que, na verdade, elas o fazem na forma de “pequenos pacotes de energia” que receberam o nome de *quantum*. Essa “irregularidade” da luz só não é percebida porque sua velocidade é muito alta, passando assim a impressão de que se trata um feixe contínuo e ininterrupto.

Assim, nesse vigésimo quarto mundo o tempo (assim como a luz) não é contínuo e os eventos começam e param, em intervalos regulares. Um padeiro está em meio a um grito quando sua boca congela na metade de uma frase, uma criança chuta uma bola e ela de repente fica suspensa no ar, um pássaro que passa voando, para em pleno voo. Um microssegundo depois tudo recomeça como se nada tivesse acontecido, para minutos mais tarde, o mundo parar de novo.

A ficção criada Lightman utiliza, portanto, basicamente as mesmas ideias que são aplicadas para a luz. Desse modo, ele cria um mundo imaginário onde o tempo está sendo constantemente interrompido sem que as pessoas percebam. Essas interrupções, no entanto, são tão minúsculas que “um único segundo precisaria ser magnificado e retalhado em mil partes e cada uma destas partes em mil partes para que uma única parte perdida do tempo pudesse ser verificada” (LIGHTMAN, 2014, p. 81). Contudo, ao contrário do que acontece na física, as pausas, mesmo minúsculas, são

captadas por um observador privilegiado. No conto um rapaz prestes a declarar o seu amor a uma jovem percebe a interrupção do tempo e junto com ela a incerteza da namorada. Apesar de tudo transcorrer em um intervalo de tempo brevíssimo, o jovem interpreta incorretamente a hesitação demonstrada pela jovem e desiludido rompe o relacionamento.

A situação pode parecer um pouco bizarra, mas é preciso entender que os eventos quânticos são fenômenos que, na maioria das vezes, contrariam o senso comum e fazer deles ficção é tornar verdadeiras as aventuras vividas por Alice, não só no *País das Maravilhas*, mas também na terra que ela encontra *Através do Espelho*. Ainda que o mundo de Lightman não seja o mesmo de Lewis Carroll, é possível dizer que sua inspiração pode ter vindo não só da leitura das obras do escritor inglês, como de seus conhecimentos de física quântica. Afinal, nos dois casos há um convite claro para que o leitor deixe o universo das “coisas comuns” e entre na “toca do coelho”.

## **INFINITOS MUNDOS, INFINITOS TEMPOS**

Em *Sonhos de Einstein* todas as histórias são o resultado de sonhos sobre o tempo. Sonhos que esgotaram o sonhador de tal forma que ele já não sabe se está acordado ou dormindo. No prólogo o narrador diz que “o sonhar terminou” (LIGHTMAN, 2014, p. 6) e que agora “dentre muitas naturezas possíveis do tempo, imaginadas em igualmente muitas noites, uma parece se impor” (LIGHTMAN, 2014, p. 6). Será que importa que natureza é essa? Ou o que interessa é apenas sonhar?

Se *Sonhos de Einstein* for pensado como um texto que se comunica com outros textos ou outras formas artísticas (pintura, música) percebe-se nele a primeira condição para intertextualidade, “que as obras se dêem como inacabadas, isto, que elas permitam e solicitem um prosseguimento”

(PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 81). Há, portanto, no caso do livro de Lightman um diálogo fecundo entre os diferentes personagens, e suas histórias, e o próprio autor, no qual as palavras abrem-se às palavras do outro, permitindo que a compreensão amadureça em uma resposta compreensível cuja força essencial participa do discurso enriquecendo-o (BAKHTIN, 1990). E mesmo que o conceito de intertextualidade continue carregado de uma certa “instabilidade”, hoje pode-se dizer que a busca está mais centra em mostrar “fenômenos de rede, de correspondência, de conexão, e fazer dele um dos principais mecanismos de comunicação literária” (SAMOYAULT, 2008, p. 42).

Lightman criou trinta mundos diferentes – aqui foram apresentados apenas sete – mas, é possível pensar em muitos outros e eles não precisam romper com as leis da física. Na astrofísica moderna, Stephen Hawking desenvolveu o conceito de “tempo imaginário” (MORRIS, 1998, p. 13). Em sua teoria, que tenta explicar o começo do universo, ele defende que, sob certas circunstâncias, o tempo pode assumir o caráter de uma dimensão espacial (MORRIS, 1998, p. 13). Se essa hipótese um dia for confirmada, o resultado será o de estarmos diante de um universo que não teve começo e no qual existiram quatro dimensões espaciais, ou seja, o tempo não existiria, sendo, portanto, fruto de nossa imaginação. É possível, então, dizer que a “realidade” construída pela ciência pode, muitas vezes, ser mais fantástica que a mais extravagante das ficções. Como explica David Roas, a realidade é “*demasiado desquiciada y absurda. Pero hay que saber mirarla y, sobre todo, saber ofrecerle al lector aquellas historias que le hagan percibir (y experimentar) el inquietante sinsentido de lo real*”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Rubén Sánchez Trigos, para a revista *Culturamas*, em 23 de novembro de 2010. Disponível em: <http://www.culturamas.es/blog/2010/11/23/david-roas-la-realidad-es-demasiado-desquiciada-y-absurda/>. Acesso em: 13 maio 2017.

Em *Sonhos de Einstein* o tempo assume a forma de pássaros. Pássaros que nunca conseguem ser capturados, pois como o tempo, eles se agitam, esvoaçam e saltam. Se qualquer um desses pássaros for aprisionado o tempo para. Contudo, quanto tempo pode durar a euforia de ter o tempo aprisionado? Talvez, o mesmo tempo que leva para morrer um pássaro dentro de uma gaiola. Não se sabe e nem o autor tem interesse em esclarecer esse mistério. Afinal, segundo Lightman, “o momento capturado fica cada vez mais murcho e sem vida” (LIGHTMAN, 2014, p. 101).

## REFERÊNCIAS

AUSTER, Paul. **A invenção da solidão**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução: Aurora Fornoni Bernadini José Pereira Júnior Augusto Góes Júnior Helena Spryndis Nazário Homero Freitas de Andrade. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1990.

BEN-DOV, Yoav. **Convite à física**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica Henrique Lins de Barros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FITZGERALD, Francis Scott. **O curioso caso de Benjamin Button**. Santa Catarina: Editora Dracaena, 2013.

LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein**. Tradução Marcelo Levy. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

MORRIS, Richard. **Uma breve história do infinito**: dos paradoxos de Zenão ao universo quântico. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica Henrique Lins de Barros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução Sandra Nitrini. Revisão Maria Letícia Guedes Alcofonado; Regina Salgado Campos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.